

A IMAGEM DA PRINCESA E O LUGAR FEMININO NA SOCIEDADE

UMA ANÁLISE DISCURSIVA CRÍTICA SOBRE UMA ESCOLA DE ETIQUETA

Bruno Drighetti
(Universidade Federal de Uberlândia)

INFORMAÇÕES SOBRE OS AUTORES
Bruno Drighetti possui graduação em Letras (com habilitação em português e inglês) e mestrado em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Atualmente, é doutorando em Estudos Linguísticos na mesma instituição e participante do grupo de pesquisa Círculo de Estudos do Discurso (CED). E-mail: brunodrighetti@ufu.br

RESUMO	ABSTRACT
Este artigo tem por objetivo compreender como ocorre a materialização dos discursos conforme sua ideologia na apresentação institucional da Escola de Princesas, escola de etiqueta voltada a jovens meninas e que constrói suas práticas a partir de imagens da realeza. A hipótese que orientou esse estudo, posteriormente confirmada, foi que, nessa autoapresentação, são mobilizados discursos contrários à emancipação feminina. Para a realização do trabalho, ancoramo-nos em teorias da Análise de Discurso Crítica (ADC), especialmente no arcabouço teórico-metodológico proposto por Chouliaraki e Fairclough (1999), de modo que as etapas de análise propostas pelos autores foram obedecidas para atingir nossos objetivos. Como os resultados sugerem, de fato, a forma com a qual as ordens dos discursos educacional, histórico, lúdico, machista, moral e ético são mobilizadas produz um efeito de romantizar e encobrir a problemática da repressão feminina na sociedade, exercendo um papel fundamental na manutenção de relações assimétricas de poder na comunidade.	This paper aims at understanding the discourse invoked according to its ideology in Princess School's [Escola de Princesas] institutional presentation, a finishing school aimed at young girls that develops its practices through images of royalty. Its hypothesis, which was later confirmed, was that the institution's self-presentation invokes discourses which are opposed to women's liberation. To accomplish its goals, it relied on theories by Critical Discourse Analysis (CDA), mainly the theoretical and methodological framework by Chouliaraki and Fairclough (1999), in a way that it followed the recommended stages of analysis. The results suggest that, indeed, the educational, historical, ludic, sexist, moral and ethical orders of discourse were operated by the finishing school in order to romanticize and mask female repression as an issue in society, playing a key role in maintaining asymmetrical power relations in community.

PALAVRAS-CHAVE	KEY-WORDS
Análise de Discurso Crítica; Gênero; Escola de Princesas; Ordem de discurso; Ideologia.	Critical Discourse Analysis; Gender; Princess School; Orders of discourse; Ideology.

INTRODUÇÃO

No presente artigo, almejamos realizar uma análise dos modos como os discursos se manifestam na apresentação própria da Escola de Princesas em seu website. Muito referenciada pela mídia desde sua criação, no ano de 2013, trata-se de uma escola de etiqueta e de formação para jovens meninas. Em se tratando de uma instituição assumidamente pautada em valores morais e levando em consideração o próprio nome da escola, que remete à tradição e a certos tipos de comportamentos, a hipótese que guiou esta análise, confirmada em seu desenvolvimento, é de que, na auto apresentação, são mobilizados discursos advindos de uma cultura machista e contrários à emancipação feminina, os quais foram deslocados e abordados com uma conotação positiva.

Assim, nosso estudo se justifica pelo fato de as violências contra a mulher ainda hoje se fazerem tão presentes na sociedade brasileira, razão pela qual consideramos importante levantar discussões sobre esse respeito e problematizar práticas sociais que podem perpetuar estigmas e posicionamentos discriminatórios. De acordo com Fairclough (2003), “o objetivo da pesquisa social crítica é uma melhor compreensão de como as sociedades funcionam e produzem tanto efeitos benéficos quanto prejudiciais, e de como os efeitos maléficos podem ser reduzidos, se não eliminados” (Fairclough, 2003, p. 203, tradução nossa¹).

Partindo dos procedimentos apresentados por Chouliaraki e Fairclough (1999) como aporte metodológico, nossa proposta, com essa análise, é a de identificar que elementos do discurso são mobilizados² em favor da defesa da perspectiva defendida pela referida instituição, observar como a mulher é representada, bem como problematizar os efeitos criados por esses fatores. A opção pela metodologia apresentada pelos autores se deu por considerarmos as etapas de análise bem estruturadas para o desenvolvimento de uma Análise de Discurso Crítica (doravante ADC). Para atingir os objetivos propostos, valemo-nos de teorias da Análise de Discurso Crítica (Fairclough, 2003; Magalhães, 2005; Thompson, 1990; Wodak, 2004; Wodak, Meyer, 2009), como forma de sustentar as reflexões a serem apresentadas. Ademais, o trabalho está organizado conforme a seguinte estrutura: apresentação de nosso arcabouço teórico, com destaque para teorias gerais a respeito da ADC e de conceitos como “poder”, “história” e “ideologia”; explanação da metodologia utilizada; análise dos dados, conforme as etapas estabelecidas por Chouliaraki e Fairclough (1999); e, por fim, considerações finais.

A ADC é uma área de estudos da Linguística voltada para uma análise da linguagem enquanto prática social, estabelecendo, para isso, relações entre o estudo do texto e conceitos de poder e ideologia, com vistas, ainda, à investigação de mudanças na vida social contemporânea. Mais do que uma continuação da chamada Linguística Crítica (LC), que se limitava à obtenção de métodos de análise para pequenas amostras, a ADC

¹ “The aim of critical social research is better understanding of how societies work and produce both beneficial and detrimental effects, and of how the detrimental effects can be mitigated if not eliminated.”

² Ao falar em “mobilização de discursos”, ressaltamos que não se trata de um movimento necessariamente consciente e dotado de uma intencionalidade discursiva, mas das formas com as quais um discurso se materializa em determinada materialidade linguística e produz efeitos de sentido.

propõe métodos complexos e transdisciplinares de pesquisa crítica acerca da modernidade posterior (Magalhães, 2005). Tecidas essas considerações iniciais, passemos a refletir sobre três noções as quais, segundo Wodak (2004), são fundamentais para o desenvolvimento de pesquisas na ADC: os conceitos de poder, história e ideologia.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Partindo da premissa de que o discurso é estruturado a partir da dominação, a preocupação com o poder para a ADC é, segundo Wodak (2004), condição central para a análise da vida social. Esse interesse se justifica pelo fato de o poder sempre se manifestar em produções discursivas, podendo ser observado por meio das relações de diferenças nas estruturas sociais. A diferença é permanente no texto e sempre aparece nele negociada.

Não se pode, no entanto, reduzir a manifestação do poder apenas às formas gramaticais presentes em um texto. Mais do que sinalizado nas estruturas linguísticas, ele pode ser visto, por exemplo, na forma como um sujeito exerce controle sobre uma situação fazendo uso de um determinado gênero discursivo. Não raro, a forma como os gêneros do discurso são utilizados está diretamente associada à relação de seu usuário com o poder Wodak (2004).

A noção de história, por sua vez, é valiosa pelo fato de que, como cada discurso é historicamente produzido (situando-se, portanto, em determinadas condições tempo-espaciais), essa é uma circunstância que afeta diretamente sua realização. Dentre as maneiras com que a influência histórica sobre o discurso ocorre, pode-se destacar justamente no que tange às relações de poder, que só podem ser estabelecidas se considerada a situação dos sujeitos que (se) discursivizam.

Com relação à ideologia, por fim, é consenso, nos estudos da ADC, que seja concebida como um fundamental elemento para a manutenção das relações desiguais de poder. Thompson (1990, *apud* Wodak, 2004, p. 235) afirma que o termo envolve “como o significado é construído e transmitido por meio de formas simbólicas de vários tipos”, isto é, a ideologia seria justamente a manifestação do dizer que, embora muitas vezes implícita, revela muito sobre o enunciador e sobre a vida social vigente, estando, por este motivo, muito relacionada ao exercício do poder.

Para analisar a ideologia, portanto, devem-se mobilizar elementos extralinguísticos, haja vista que razões históricas são consideradas como condições para que um discurso seja enunciado. Nesse viés, a linguagem não significa apenas por ela mesma, mas está sempre atrelada a condições exteriores que, por sua vez, estão nela sempre manifestadas, não havendo neutralidade em questão de ideologia. É nesse sentido que Wodak (2004, p. 236) afirma que: “Para a ADC, a linguagem não é poderosa em si mesma — ela adquire poder pelo uso que os agentes que detêm poder fazem dela”.

Dadas essas noções, há que se considerar a importância do trabalho trans/interdisciplinar para a realização de um trabalho na ADC para se alcançar uma compreensão adequada da realidade, de modo a se tornar possível compreender como a língua funciona ao constituir e transmitir conhecimento, ao organizar instituições sociais

ou ao exercer poder (Wodak; Meyer, 2009).

Outra noção compartilhada entre as diferentes vertentes da ADC é a inscrição em uma teoria crítica. Conforme Wodak e Meyer (2009), a teoria crítica (às vistas da Escola de Frankfurt) se opõe às teorias tradicionais no sentido de que, enquanto estas se propõem apenas a compreender e explicar a sociedade, nela urge a preocupação de criticar e proporcionar uma transformação social.

Nesse sentido, “teorias críticas, assim como a ADC, querem produzir e conceber conhecimentos críticos que permitam ao ser humano se emancipar, por intermédio da autorreflexão, das formas de dominação” (Wodak; Meyer, 2009, p. 7, tradução nossa³). Dessa forma, mesmo que alguns conceitos possam variar de acordo com diferentes inscrições teóricas, como as noções de “poder” ou de “ideologia”, almeja-se conscientizar os sujeitos de suas próprias necessidades, interesses e práticas. É por essas questões que os autores defendem a ideia de que pesquisadores da ADC devem possuir a consciência de que até mesmo seu próprio trabalho está subjugado a condições sociais, econômicas e políticas, não ocupando, deste modo, uma posição superior à dos sujeitos cujos discursos se propõem a analisar (Wodak; Meyer, 2009).

2 MATERIAIS E MÉTODOS

Para o desenvolvimento deste trabalho, como mencionado, ancoramo-nos no arcabouço teórico-metodológico desenvolvido por Chouliaraki e Fairclough (1999) como procedimentos metodológicos, a serem descritos neste momento. Nossa opção se deu por considerarmos que as etapas apresentadas pelos autores na obra em questão possibilitam uma análise aprofundada e, conseqüentemente, uma visão ampla da problemática, especificamente da discriminação de gêneros.

A possibilidade de análise apresentada pelos autores é dividida entre as cinco etapas, a saber: 1. Um problema (atividade, reflexão); 2. Obstáculos para superá-lo; 3. Função do problema na prática; 4. Possíveis caminhos para superar os obstáculos; 5. Reflexão sobre a análise (Chouliaraki; Fairclough, 1999). O quadro-resumo, apresentado pelos próprios autores, pode ser observado a seguir (Quadro I). Há que se ressaltar, ainda, que os autores afirmam que, a depender da pesquisa, o analista poderá focar mais em uma etapa do que em outra, abrindo a possibilidade de o arcabouço ser adaptado às suas necessidades. Sobre cada uma de suas etapas, é necessário, ainda, tecermos algumas considerações.

³ “Critical theories, thus also CDA, want to produce and convey critical knowledge that enables human beings to emancipate themselves from forms of domination through self-reflection”.

Quadro I: Procedimentos metodológicos propostos por Chouliaraki e Fairclough (1999).

1. Um problema (atividade, reflexão)
2. Obstáculos para superá-lo
 - (a) análise da conjuntura
 - (b) análise da prática em seu momento discursivo
 - (i) prática(s) relevante(s)?
 - (ii) relação do discurso com outros momentos?
 - discurso como parte da atividade
 - discurso e reflexão
 - (c) análise do discurso
 - (i) análise estrutural da ordem do discurso
 - (ii) análise interacional
 - análise interdiscursiva
 - análise linguística e semiótica
3. Função do problema na prática
4. Possíveis caminhos para superar os obstáculos
5. Reflexão sobre a análise

Fonte: Tradução nossa de Chouliaraki e Fairclough (1999, p. 60).

A primeira etapa, “Um problema (atividade, reflexão)”, diz respeito à identificação do problema social materializado em um meio semiótico. Segundo os autores, o problema pode estar localizado tanto nas atividades de uma dada prática social⁴ (ou nela mesma), ou em alguma construção reflexiva dessa prática. Cabe ao analista, nesse sentido, situar o problema, permitindo que ele seja observado em sua complexidade.

A etapa seguinte, “Obstáculos para superá-lo”, trata da necessidade de observar criticamente quais são os empecilhos que impedem a solução do problema, dividindo-se, ainda, em três partes: a) análise da conjuntura, que tem relação com a compreensão das circunstâncias e dos processos de consumo do tipo de discurso em que o problema se materializa; b) análise da prática em seu momento discursivo, que engloba a observação de práticas relacionadas e da relação desse discurso com outros momentos; c) análise do discurso, a qual compreende a reflexão sobre as estruturas da ordem do discurso⁵ e a análise interacional (interdiscursiva, linguística e semiótica).

⁴ Na teoria de Fairclough (2001), de modo geral, podemos compreender o conceito de prática social como uma das dimensões do evento discursivo que abrange as condições sociais, políticas e culturais que afetam (e são afetadas por) um dizer.

⁵ Fairclough (2003) compreende as ordens do discurso como uma série de práticas sociais na linguagem, abrangendo não apenas estruturas linguísticas (como nomes e frases), mas também elementos mais complexos, tais quais gêneros, estilos e discursos.

Na sequência, temos a “Função do problema na prática”, em que se espera que o analista problematize a relação entre a ordem social e o problema em questão. A partir dessa problematização, o que se deseja é um maior delineamento sobre o problema, para que possa ser superado (tendo em vista o objetivo da ADC de promover a mudança social).

A quarta etapa, “Possíveis caminhos para superar os obstáculos”, é o momento em que o analista, após ter olhado com profundidade para a questão, assinala possibilidades de mudança. Nas palavras dos autores,

Essa também é parte da mudança do “é” para o “deve ser” — se as práticas são falhas, então devemos mudá-las. O objetivo aqui é distinguir recursos possíveis para alterar as coisas em relação à forma como atualmente são. [...]. O foco nas duas etapas anteriores era sobre como as relações estruturais explicam (“obstáculos”) e são responsáveis (“funções”) pelo problema em questão. Elas envolvem ver o exemplo como típico e focar em seus efeitos reprodutivos. [...]. O foco aqui [nesta etapa] não é tanto em estruturas reproduzidas, mas na diversidade de conjunturas, na gama do que os indivíduos podem fazer com dadas condições estruturais (Chouliaraki; Fairclough, 1999, p. 65, tradução nossa⁶).

A etapa final seria a “Reflexão sobre a análise”, em que o analista deve pensar criticamente sua prática, considerando o valor de todas as etapas seguidas e repensando a relação entre a teoria e a prática. Após essa reflexão, o analista pode verificar quais pontos podem ser considerados limitações da análise, bem como suas potencialidades. Segundo os autores, é importante considerar, ainda, que o analista parte de uma posição particular dentro do campo teórico, com base em seus próprios interesses, orientando-se a certos problemas e ideologias, não havendo, com isso, como esgotar a questão.

Posto isso, nosso corpus de análise é composto principalmente pela autoapresentação da Escola de Princesas, a qual foi retirada de seu *website* e pode ser verificada na sequência, na Figura I. Todavia, embora o nosso foco principal tenha sido a aba de apresentação da escola, foi necessário recorrer, em alguns momentos, a outras informações do *website*, possibilitando uma compreensão mais ampla da situação. Ainda assim, nosso foco sobre a apresentação institucional se deu por a considerarmos uma manifestação linguística propícia para se compreender as ideologias veiculadas pela corporação, visto se tratar de um gênero aberto a essa expressão.

⁶ “This is also part of the shift from ‘is’ to ‘ought’ — if the practices are flawed, then we ought to change them. The objective here is to discern possible resources for changing things in the way they currently are. [...]. The focus in the previous two stages was on how structural relations explain (‘obstacles’) and are responsible for (‘functions’) the problem at issue. It involves seeing the example as typical, and focusing upon its reproductive effects. [...]. The focus here is not so much reproduced structures but diversity of conjunctures, the range of what people can do in given structural conditions”.

Figura I: Autoapresentação da Escola de Princesas.



Fonte: *Website* da Escola de Princesas⁷

Por fim, ressaltamos que se trata de uma abordagem qualitativa, sendo nossa questão central os efeitos produzidos a partir dos discursos no *website*, e não almejamos apresentar estatísticas ou estabelecer padrões de comportamento.

3 RESULTADOS

Apresentamos, neste momento, a análise de nosso corpus, a qual seguirá, como explicado, conforme as etapas apresentadas por Chouliaraki e Fairclough (1999). Iniciemos, deste modo, pelo reconhecimento do problema em nosso material.

Ao acessar o *website* da Escola de Princesas, deparamo-nos com a seguinte chamada à apresentação da escola, em caixa alta e tons de branco com rosa claro (cor tradicionalmente associada à feminilidade), “A Escola de Princesas. Todo sonho de menina é tornar-se uma princesa”, com a imagem de fundo de mãos segurando uma coroa, conforme a Figura II:

Figura II: Chamada da apresentação da Escola de Princesas



Fonte: *Website* da Escola de Princesas

⁷ O *website* pode ser conferido na íntegra em: <https://escoladepincesas.net/>. Acesso em: 4 de julho de 2024.

Partindo dessa breve caracterização do referido *website*, podemos observar que a cultura do machismo ainda se faz muito presente na sociedade brasileira, considerando que se trata de uma realidade conservadora e apegada a tradições, o que acaba interferindo na liberdade pessoal de mulheres. Como ilustra o recorte apresentado na Figura II, a emancipação feminina é frequentemente negada, sendo seus desejos e suas ações ditados por outros, a exemplo de “todo sonho de menina é tornar-se uma princesa”, no qual há uma tentativa de unificação e padronização feminina.

É nesse sentido que esse tipo de problematização vem sendo desenvolvida por diferentes parcelas da sociedade e tem sido objeto de interesse de grande parte dos pesquisadores, especialmente das Ciências Sociais, a exemplo da filósofa Andrea Nye (1995). A autora reflete sobre o fato de mulheres serem constantemente vistas sempre a partir da relação masculino-feminino. Dessa maneira, mulheres que se rebelam contra os padrões impostos pela sociedade como “femininos” são vistas como menos mulheres (padrão este que de alguma maneira ainda se mantém na atualidade, embora tenham ocorrido, naturalmente, deslocamentos desde o momento em que a autora teoriza).

Ademais, destaca-se o fato de que ainda hoje afazeres domésticos são atribuídos majoritariamente ao público feminino, por mais que tenha ocorrido a inserção das mulheres no mercado de trabalho. Como nos mostram os levantamentos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2018), a quantidade de horas semanais dedicadas aos afazeres domésticos por mulheres (18,1) é quase o dobro em relação às realizadas por homens (10,5). Deste modo, visto que o curso da Escola de Princesas apresenta os afazeres domésticos como um de seus componentes, essa questão pode ser problematizada, por perpetuar estigmas e associar esse tipo de atividade às mulheres (haja vista que se trata de uma instituição voltada exclusivamente para meninas).

Dando sequência à organização proposta por Chouliaraki e Fairclough (1999), apresentamos, agora, a análise da conjuntura, posteriormente a análise da prática em seu momento discursivo, e, enfim, a análise do discurso.

Almejando descrever a atual situação vivenciada pelas mulheres no Brasil, é necessário ressaltar que se trata de uma condição inserida em um estado democrático em que esse público tem, pela lei, plena liberdade de expressão. O que ocorre, no entanto, é um contraste entre o que a lei teoriza e o que ditam as práticas sociais, que muitas vezes impõem limitações às mulheres, determinando certos comportamentos como aceitáveis e condenando outros. A prescrição de maneiras de ser de parte da sociedade ocorre em relação a todos os seus participantes; essa imposição, entretanto, parece se exercer com mais força sobre as mulheres.

O rebaixamento da mulher na sociedade brasileira é tamanho que passam a ser necessárias intervenções do Estado para tentar conter a gravidade do problema. Por essa razão, urge a necessidade de criação de leis tais quais a n. 11.340/2006 e n. 13.104/2015, respectivamente a Lei Maria da Penha (cujo intuito é proteger o público feminino da violência doméstica) e a legislação que passa a considerar o feminicídio como um crime hediondo.

Outrossim, há que se considerar a situação crítica em que se encontra o Brasil, já

que o país ocupou, em 2018, a quinta posição em mortes violentas de mulheres no mundo (IBGE, 2018). Assim, qualquer tipo de prática social que acarreta na submissão feminina e no apagamento de sua individualidade deve ser problematizada. Esses dados nos revelam que, ainda que existam tentativas de combate de práticas machistas, estas conseguem resistir às mudanças e acabam sendo reproduzidas, inclusive, por mulheres. É sob esse contexto que a ideia apresentada pela Escola de Princesas nos parece perigosa, já que suas alunas, cuja idade é entre 4 e 15 anos, estão em formação de seus valores, podendo ser levadas à perpetuação de estigmas e de certos papéis sociais.

Para se analisar a prática em seu momento discursivo (subetapa seguinte), é necessário pensá-la em seu contexto específico, o qual apresenta valores, identidades e crenças específicas. Destarte, essas noções se deixam flagrar nas práticas sociais e discursivas. Os gêneros discursivos, por exemplo, ao circularem na sociedade, manifestam esses valores, em maior ou menor grau (a depender da permissividade do gênero para que seu enunciador se coloque).

É importante considerar que a Escola de Princesas, a despeito de seu nome, não é uma instituição escolar, mas um ambiente formador extracurricular. Ainda assim, a autodenominação de “escola” já institui sobre a corporação um caráter de formação e socialização entre jovens. Nessa perspectiva, a autoapresentação da escola em seu *website* se caracteriza como um gênero aberto à expressão de seu enunciador, sendo sua contenção dita pelas estruturas maiores, tais quais a sociedade e o Estado. Assim, embora a instituição tenha a liberdade de se expressar e de revelar seus valores, eles não são completamente abertos, isto é, há coerções externas à linguagem que governam seu funcionamento. Fairclough (2001) discorre a respeito desse tema, afirmando que

[Há] uma relação dialética entre o discurso e a estrutura social, existindo mais geralmente tal relação entre a prática social e a estrutura social; a última é tanto uma condição como um efeito da primeira. Por outro lado, o discurso é moldado e restringido pela estrutura social no sentido mais amplo e em todos os níveis: pela classe e por outras relações sociais em um nível societário, pelas relações específicas em instituições particulares, como o direito ou a educação, por sistemas de classificação, por várias normas e convenções, tanto de natureza discursiva como não-discursiva, e assim por diante (Fairclough, 2001, p. 91).

Na sequência, realizamos a análise do discurso, a qual engloba a reflexão acerca das ordens do discurso, sobre a interdiscursividade constituinte dessa prática, bem como sobre questões linguísticas e semióticas mobilizadas nos dizeres. Como apresentamos anteriormente, na análise, detemo-nos, principalmente, sobre a articulação dos discursos em favor da ideologia defendida pela escola. Esses discursos, materializados no *website* da Escola de Princesas, recorrem à linguagem verbal e não verbal, sendo ambas postas em ação quando a escola (se) discursiviza. Dentre as ordens do discurso observadas, destacamos: educacional; histórico; lúdico; machista; moral e ético.

A primeira ordem do discurso que nos chama a atenção é o discurso educacional.

Nossa opção por “educacional”, em detrimento de “escolar”, justifica-se por se tratar de um termo mais amplo, visto que a Escola de Princesas, embora apresente a denominação “escola”, não segue o currículo escolar brasileiro. Trata-se, portanto, de uma instituição de formação, porém não escolar. Todavia, o deslocamento do vocábulo produz um efeito de sentido de que a “escola” é educativa e, portanto, positiva para a formação de suas “alunas”. Essa ordem do discurso aparece materializada especialmente pela linguagem verbal. Observemos como isso pode ser observado nos seguintes excertos⁸:

(a) “A cada *lição*, as meninas são encorajadas a aproveitar as *qualidades positivas do caráter e do comportamento de Princesas – tanto reais quanto fictícias*, bem como *históricas ou modernas* – e aplicá-las em sua vida.”

(b) “A Missão da Escola é oferecer serviços de excelência que propiciem experiências de *natureza intelectual, comportamental e vivencial do dia a dia da realeza*.”

Na construção da imagem da Escola de Princesas, o locutor recorre a elementos típicos do ambiente educacional, tais quais a realização de lições e as “experiências de natureza intelectual, comportamental e vivencial”. Podemos considerar esse mecanismo como uma estratégia de garantir credibilidade à formação proposta pela “escola”.

Além disso, outro elemento que garante autoridade à proposta é a forma como esses discursos são construídos, que produz o pressuposto de que o estilo de vida ideal é o da realeza, sendo apagados todos os conflitos existentes nesse meio. Assim, justifica-se o fato de propiciar experiências da realeza a meninas e adolescentes “comuns”.

No que se refere ao discurso histórico, verificamos que ele se materializa tanto pela linguagem verbal, quanto pela não verbal. Logo no nome da instituição, “Escola de Princesas”, podemos observar essa questão, haja vista que a opção pelo vocábulo “Princesas” remete diretamente à questão da realeza e das monarquias, o que reporta, de alguma maneira, a luxos, a uma alta hierarquia social e a protocolos de comportamentos específicos. Esse fato indicia, também, a que tipo de formação e público a proposta da escola se direciona (experiências da alta sociedade, como ilustra o programa envolvendo o dia a dia de princesas). As imagens selecionadas pelo *website* remetem, também, a essa parcela da sociedade, como podemos observar na Figura III, referente à importância do matrimônio para as princesas, com o título de “De Princesa a Rainha”, em que observamos uma coroa à esquerda e, sobre tons de dourados, o seguinte texto: “O *passo mais importante* na vida de uma mulher, sem dúvida nenhuma, o matrimônio. Nem mesmo a realização profissional supera as expectativas do *sonho de um bom casamento*. Enfim, a ideia do *‘felizes para sempre’* é o sonho de toda Princesa”.

⁸ Os grifos presentes nos excertos são de nossa autoria, como forma de chamar a atenção para certos aspectos. O material completo sem modificações pode ser observado na Figura I.

Figura III: “De Princesa a Rainha”



Fonte: Website da Escola de Princesas

Nesse trecho, podemos vislumbrar outro deslocamento proposto pela Escola de Princesas para sua constituição. Não só a ideia de “escola” é ressignificada, mas também a de “princesa”. A princesa clássica, que ocupa uma posição hierárquica superior e que possui protocolos de comportamento, não é negada pela proposta; no entanto, podemos observar traços da contemporaneidade nessa nova proposta de princesa, como a possibilidade de trabalhar. Ainda assim, essa prática é diminuída em relação ao matrimônio, sendo essa subjugação da mulher ao homem uma problemática constituinte do discurso machista (o qual será desenvolvido *a posteriori*). A nova configuração de princesa também pode ser observada em (d), enquanto em (e) podemos observar o apego à tradição e a resistência às novas tendências (descritas como “modismos”). É justamente em meio a essa contradição entre clássico e moderno que se insere a nova proposta de princesa.

Outrossim, ao apresentar uma assertiva sobre como deve ser a “vida de uma mulher”, há uma tentativa de unificação sobre o comportamento feminino e podemos observar a criação de um padrão a ser seguido. Esse não é o único trecho em que podemos observar essa situação, como podemos ver em (d) e (e).

(d) “Você não se torna uma Princesa simplesmente vestindo um vestido extravagante e uma tiara brilhante. Ser uma *Princesa de verdade* é ter a confiança para ser a melhor versão de si mesma.”

(e) “É sobre a tratar a todos com bondade e generosidade, ter valores e *princípios imutáveis independentes de modismos*.”

Ainda com relação à ideia da princesa, observamos a articulação entre os discursos histórico e lúdico, que não são postos em oposição, mas em complementaridade, como observamos no excerto (a) com a menção às princesas fictícias (remetendo a princesas popularmente conhecidas, como às de produções da Disney). O trabalho do lúdico é também reforçado pela expressão “felizes para sempre” presente na passagem (d), expressão tradicionalmente associada a contos de fadas. Um dos efeitos criados por essa

relação pode ser a mercantilização dessa formação, já que ela se torna mais atrativa ao público, a pedagogização das ideologias pela escola veiculadas, bem como a romantização da perpetuação de papéis sociais referentes ao ambiente doméstico à figura da mulher.

Em se tratando da ordem do discurso do machismo, observamos, nos recortes já apresentados, algumas ideias, como: a subjugação feminina ao homem (ilustrada pelo fato de a princesa ser preferivelmente definida em relação a seu casamento do que à sua profissão); além da estereotipização da imagem feminina, associada a certas cores (rosa, dourado) e certos comportamentos (caráter e comportamento de princesas). Não obstante, podemos observar, também, a questão de a escola ser voltada exclusivamente ao público feminino, associando os fatores listados à mulher. A imagem de princesa construída é repetidamente reduzida ao lar (ilustrado pelo castelo), haja vista haver módulos voltados aos cuidados com afazeres domésticos; analogamente, não há lugar para os “príncipes” nessa divisão de atividades proposta, daí a problemática.

Outra questão que merece atenção é a forte prescrição de atitudes às meninas, como observamos em (f) e (g):

(f) “Acreditamos firmemente que *todas as mulheres são princesas* e que podemos aprender a aplicar os atributos de caráter e comportamento de Princesa em tudo o que fazemos na vida.”

(g) “[...] para meninas com idade entre 4 e 15 anos que sonham em se tornar princesas e fazê-las resgatar a *essência feminina* que existe em seus corações.”

O uso de frases tais quais “todas as mulheres são princesas” e a expressão “essência feminina” colocam os comportamentos associados à “princesa” como naturais, como sendo pertencentes a toda mulher. Associado ao discurso do machismo está o da moral e da ética, os quais também compõem a gama de comportamentos permitidos às mulheres sob essa perspectiva.

Essas ideias coadunam com as reflexões de Nye (1995), haja vista que, pela lógica, a mulher que não se identificar com a condição de “princesa” perde, por consequência, sua condição de mulher. Para melhor compreender a limitação da liberdade feminina, Nye (1995) compara a relação homem-mulher com senhor-escravo, justificando-se justamente pela desvantagem feminina em questão de liberdade e do não reconhecimento de sua identidade enquanto sujeito; afinal, aos olhos da sociedade patriarcalista, à mulher cabe um comportamento feminino estereotipado, e não a liberdade de construção de sua própria identidade. Dito isso, passemos à próxima etapa de análise, a função do problema na prática.

Para compreender melhor a complexidade da problemática apresentada, é necessário refletir sobre seu funcionamento na sociedade. Deste modo, ao determinar comportamentos específicos para homens e para mulheres, isso pode ser compreendido como um meio de manutenção de relações assimétricas de poder, no caso em específico, colocando o homem em uma posição superior à da mulher, cuja liberdade é restringida. A gravidade da questão é tamanha que podemos observar mulheres reproduzindo esse tipo de preconceito, por se tratar de uma ideia enraizada no imaginário social, o qual dificilmente consegue ser desconstruído sem a criticidade.

Como nos sugerem dados do IBGE (2018), o público masculino ocupa a maior parte do mercado de trabalho e da representatividade na Política, o que talvez justifique o baixo interesse em desconstruir essas assimetrias, já que implicaria, por exemplo, uma maior competitividade ao homem no mercado, além de uma fuga à sua zona de conforto quanto a afazeres domésticos e a seus comportamentos, pouco questionados.

Quanto aos possíveis caminhos para superar esses obstáculos, em nossa análise, pudemos observar práticas sociais que perpetuam estigmas e que inferiorizam alguns sujeitos na sociedade, especificamente, práticas sociais e discursivas que perpetuam o machismo na sociedade, o qual é um grave problema presente na sociedade brasileira. Um possível caminho para superar esse problema é o maior incentivo à formação crítica, preferencialmente em ambientes educacionais (embora o núcleo familiar também desempenhe um importante papel nesse sentido), de modo a conscientizar meninas e meninos acerca da importância da equidade de gêneros e de papéis sociais. É necessário, portanto, que haja uma ação do Estado para financiar e apoiar esse tipo de mudança comportamental.

Um possível efeito dessa prática seria a desconstrução da associação direta da mulher com afazeres domésticos e com o matrimônio, haja vista que não há nenhuma evidência que indique que sejam atividades femininas ou que estejam relacionados a algo como a mencionada “essência feminina”. Tratam-se, por outro lado, de atividades comuns, não havendo motivos para que sejam relacionadas ao público feminino, ainda que o machismo enraizado na sociedade defenda o contrário.

Outrossim, é necessário rever a imagem da princesa, visto que perpetua certos estigmas, por associar a mulher a certos padrões de feminilidade e comportamento, bem como ao ambiente domiciliar. Além disso, um olhar crítico sobre a imagem da realeza é necessário para poder compreendê-la de fato e não haver o apagamento de seus conflitos internos.

Por fim, realizamos a reflexão sobre a análise. Neste estudo, objetivamos compreender que tipos de discursos se materializam e quais são seus efeitos na constituição da Escola de Princesas, o que se deu a partir da análise de alguns excertos retirados de seu *website* oficial. A análise sugere que foram mobilizadas algumas ordens do discurso (educacional, histórico, machista, lúdico, moral e ético), as quais, com alguns deslocamentos, produziram um efeito positivo acerca de práticas machistas e que inferiorizam a mulher na sociedade. Para isso, verificamos que ocorre a romantização do rebaixamento feminino, o que se dá por sua associação à imagem da princesa.

Assim, esperamos ter sido possível chamar a atenção para o assunto e proporcionar uma reflexão sobre esse tema, para poder transformar e modificar, em alguma medida, a realidade; afinal, é a possibilidade de mudança social um dos grandes valores da pesquisa em ADC, por se tratar de uma teoria que, como apresenta Izabel Magalhães no prefácio de Fairclough (2001), é inovadora por considerar “não apenas o papel da linguagem na reprodução das práticas sociais e das ideologias, mas também por seu papel fundamental na transformação social” (Magalhães, 2001, p. 11). Esperamos ter conseguido, também, desmistificar, de algum modo, a romantização que muitas vezes ocorre sobre o machismo, levando até mesmo a mulheres, isto é, às vítimas, a

reproduzirem preconceitos e estigmas sobre as outras.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observamos, neste trabalho, a importância de instituições formadoras na constituição de jovens enquanto indivíduos e cidadãos, as quais tem grande responsabilidade na reparação de injustiças e de relações assimétricas de poder na sociedade. Uma “escola” que não se posiciona criticamente nesse sentido contribui para a perpetuação de preconceitos. Consideramos fundamental, também, o papel do Estado em propor intervenções que possam levar à mudança. O que ocorre, todavia, é um desinteresse das camadas hegemônicas em balancear os poderes na sociedade. A esse respeito, nos apresenta Fairclough que:

As questões de intervenção são como uma lembrança oportuna de que tendências abstratas, tal como a democratização, são um exemplo resumido de lutas contraditórias, nas quais as intervenções para reestruturar as ordens de discurso podem ser resistidas de várias maneiras e estar sujeitas a várias estratégias de contenção, de modo a preservar hegemonias existentes na esfera do discurso (Fairclough, 2011, p. 254).

Dado esse desinteresse das camadas dominantes, no caso o público masculino, é instaurado o pensamento que inferioriza a mulher, levando-a, muitas vezes, a reproduzir esse tipo de pensamento. No caso da Escola de Princesas, por exemplo, em se tratando de uma instituição de mulheres para mulheres, podemos observar a camada em desvantagem reproduzindo discursos dominantes e que as oprimem.

A análise, realizada a partir da metodologia proposta por Chouliaraki e Fairclough (1999), possibilitou-nos uma compreensão acurada da problemática apresentada pela proposta da Escola de Princesas. A partir de suas etapas, pudemos compreender algumas das condições em que o problema está instalado, o que nos permitiu, posteriormente, pensar oportunidades para que possa ocorrer, de fato, a mudança social. Ademais, a observação nos possibilitou verificar como as ordens do discurso são mobilizadas e constroem imagens que levam à romantização ou ao encobrimento de um problema, no caso em especial, a imagem da princesa ocultando as repressões femininas na sociedade.

REFERÊNCIAS

CHOULIARAKI, L.; FAIRCLOUGH, N. **Discourse in late modernity: rethinking Critical Discourse Analysis**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

FAIRCLOUGH, N. **Analysing discourse: textual analysis for social research**. London: Routledge, 2003.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Estatísticas de Gênero: Indicadores sociais das mulheres no Brasil**. 38. ed. Rio de Janeiro: 2018. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101551_informativo.pdf>. Acesso em: 01 dez. 2019.

MAGALHÃES, I. Prefácio à edição brasileira. *In*: FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001. p. 11-13.

MAGALHÃES, I. Introdução: A Análise de Discurso Crítica. **D.E.L.T.A.** São Paulo, vol. 21: Especial, p. 1-9, 2005.

NYE, Andrea. **Teoria feminista e as filosofias do homem**. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1995.

THOMPSON, J. B. **Ideology and modern culture**. Cambridge: Polity Press, 1990.

WODAK, R. Do que trata a ACD – um resumo de sua história, conceitos importantes e seus desenvolvimentos. **Linguagem em (Dis)curso - LemD**, Tubarão, v. 4, n.esp, p. 223-243, 2004.

WODAK, R.; MEYER, M. **Critical Discourse Analysis: history, agenda, theory and methodology**. *In*: WODAK, R.; MEYER, M. (ed.). *Methods of critical discourse analysis*. 2. ed. Londres: Sage, 2009, p. 1-33.